

PROVAÇÃO DE AMOR (Mary Shelley)

Tradução e prólogo de Letícia Pasqualotto e Beatriz Viégas-Faria. Revisão da tradução de Daniel Soares Duarte. Revisão Final de Andrea Cristiane Kahmann.

Mary Wollstonecraft Shelley nasceu em Londres em 1797 e morreu em 1851, também em Londres. Casou-se com o poeta romântico e filósofo Percy Bysshe Shelley. Ela teve uma educação incomum para a época, pois, embora tenha recebido pouca instrução formal, seu pai, um filósofo, a instruiu em vários assuntos, e sua mãe era uma escritora e feminista. Sua obra mais conhecida é *Frankenstein*, texto que continua inspirando muitas outras obras até os dias de hoje.

A história do conto *The Trial of Love* [Provação de amor], de 1834, se passa em uma pequena cidade da Itália, na qual Angeline, jovem estudante em um convento, filha de pais da classe trabalhadora, conhece Ippolito, um nobre. Os dois se apaixonam, porém precisam provar seu amor para o pai de Ippolito, que, a princípio, não aceita um casamento entre jovens de classes diferentes, e assim impõe aos apaixonados que passem um ano sem se comunicarem, nem mesmo por cartas. Outra personagem do conto é Faustina, amiga de Angeline, mas de família nobre. Faustina conhece Ippolito por acaso, e um casto triângulo amoroso se forma. Surpreendente é o desfecho do conto — de pensamento bastante *avant-garde* para a época.

O processo tradutório de *The Trial of Love* incluiu a decisão de manter-se uma linguagem formal e um tanto rebuscada para o Brasil do século XXI, visto que é um conto de quase dois séculos de idade; contudo, a linguagem foi trabalhada em tradução de forma a oferecer uma leitura bastante fluente desse conto nos dias de hoje. As palavras em italiano, que constam do texto fonte, foram grafadas em itálico pensando-se em preservar as descrições de modos e costumes do tempo-espaço em que a história é relatada. A autora utiliza certos termos e palavras cujas traduções foram realizadas de acordo com o contexto da época em mente, pois poderiam igualmente ter sido traduzidas de outra forma, mais de acordo com o contexto sociocultural da vida contemporânea em nosso mundo ocidental — pois esta é uma história de amor atemporal. Entretanto, adaptações socioculturais não fizeram parte do projeto tradutório para este conto.

Provação de amor

O texto *The Trial of Love*, considerado fonte para esta tradução, é o incluso na obra: SUTHERLAND, John (Ed.). *The Oxford Book of English Love Stories*. Oxford: OUP, 1997, pp. 9 - 22. Ele também pode ser encontrado entre as páginas 139 a 158 da obra BOOTH, B. A (org.). *A cabinet of gems: short stories from the English annals*. Berkeley: University of California Press, 1938, disponível no endereço: <<https://archive.org/details/cabinetofgemsshoobootrich>>. Acesso em: 12 mai. 2018.

Autorizada pela *Signora* Priora a sair por um tempo, Angeline, uma pensionista do convento de Sant'Anna na pequena cidade de Este, na Lombardia, começou seu passeio. Vestida com simplicidade e bom gosto, trazia uma *faziola* cobrindo-lhe a cabeça e os ombros. Seus olhos grandes e negros reluziam embaixo do abrigo, lindos. Ainda assim, talvez não fosse exatamente bela. Contudo, seu semblante era suave, franco e nobre, tinha cabelos escuros e sedosos e a pele bonita e delicada, apesar do tom amorenado. Também tinha um ar inteligente e cordial. Aparentava refletir consigo mesma com frequência, e havia indícios de que tinha um profundo interesse em seus próprios pensamentos, além de muitas vezes contentar-se com eles. Angeline vinha de família humilde: o pai fora administrador das propriedades do Conde Moncenigo, um nobre veneziano, e sua mãe fora a ama da única filha do Conde. Tanto o pai quanto a mãe já haviam falecido e deixaram-lhe uma quantia considerável, tanto que Angeline era um prêmio visado por todos os jovens de classe social abaixo da nobreza. Mas ela vivia reclusa no convento e não encorajava homem algum.

Fazia meses que Angeline não saía do convento; sentiu-se quase ameaçada ao andar pelas ruas que levavam além da cidade, Monte Euganean acima, até a Villa Moncenigo, seu destino. Cada trecho do caminho lhe era familiar. A Condessa Moncenigo falecera durante o segundo parto, e dali em diante a mãe de Angeline fora morar na Villa. A família era formada pelo Conde, que estava sempre em Veneza, exceto durante algumas semanas do outono, e por seus dois filhos: Ludovico, que muito cedo foi acomodado em Pádua para receber sua educação, restando em Villa Moncenigo apenas Faustina, cinco anos mais nova que Angeline.

Faustina era a coisa mais linda do mundo: olhos azuis risonhos, pele radiante e cabelos ruivos; ao contrário das italianas, era formosa como uma sílfide, esbelta, alegre e entusiasmada. Era linda, vivaz e determinada, de tantos charmes que se tornava um prazer render-se aos seus encantos. Angeline, como se fosse uma irmã mais velha, agia como sua dama de companhia, e bastava uma palavra ou um sorriso de Faustina para Angeline permitir-lhe tudo. Às vezes dizia “eu te adoro”, ou então “suportaria qualquer sofrimento para não ver uma lágrima sequer em seus olhos”. Era do feitio de Angeline nutrir e intensificar seus sentimentos até tornarem-se paixões, ao mesmo tempo em que excelentes princípios e a mais sincera devoção a impediam de ser iludida por eles.

Angeline tornara-se órfã com a morte da mãe três anos antes. Ela e Faustina foram morar no convento de Sant'Anna, na cidade de Este. Porém, um ano depois, Faustina, com quinze anos, fora completar sua educação em um renomado convento de Veneza, cujas portas aristocráticas estavam fechadas para a companhia simples de Angeline. Já com dezessete anos, terminados os estudos, Faustina voltou para a casa do pai e foi com ele para a Villa

Moncenigo, a fim de passar os meses de setembro e outubro. Chegariam à noite, e Angeline estava a caminho para receber sua querida amiga.

Havia algo de maternal nos sentimentos de Angeline: cinco anos é uma diferença considerável entre dez e quinze anos de idade, e muito mais entre dezessete e vinte e dois. “Querida criança!”, pensou Angeline, enquanto continuava a caminhar. “Deve ter crescido tanto, deve estar mais bonita do que nunca. Como desejo rever Faustina e seu sorriso travesso! Será que ela encontrou alguém no convento de Veneza para animá-la e mimá-la, como eu fiz aqui? Para assumir a culpa de seus erros e ceder aos seus caprichos? Ah! Aqueles tempos se foram! Agora ela deve estar pensando em se tornar uma *Sposa*. Imagino se já sentiu algo parecido com o amor.” Angeline suspirou. “Vou ouvir tudo, logo, e tenho certeza que vai me contar. Queria poder contar a ela, detesto segredos e mistérios, mas devo manter meus votos, e daqui a um mês vou ao encontro do meu destino. Um mês! Será que vou encontrá-lo daqui a um mês? Será que o verei novamente algum dia? Mas não vou pensar nisso agora, vou pensar só em Faustina, minha querida e amada Faustina!”

Agora Angeline se encontrava no topo da exaustiva colina e ouviu seu nome ser chamado, e naquele terraço natural, com vista para a estrada, inclinando-se sobre a balaustrada, estava o querido objeto de seus pensamentos, a bela Faustina, o retrato de uma fada florescendo na juventude e sorrindo de felicidade. O coração de Angeline entusiasmou-se com aquela calorosa afeição.

Logo se abraçaram. Faustina ria, e seus olhos brilhavam. Começou a contar todos os eventos daquele intervalo de dois anos e demonstrou-se obstinada, imatura e ao mesmo tempo tão charmosa e carinhosa como sempre. Angeline escutava com prazer e observava, num demonstrar de admiração perfeito e silencioso, suas bochechas com covinhas, seus olhos vívidos e gestos elegantes. Faustina falava tão rápido que ela não teria tempo de contar a própria história mesmo se quisesse.

— Você sabia, *Angelinetta mia* — disse ela —, que devo me tornar uma *Sposa* neste inverno?

— E quem é o *Signor Sposino*?

— Ainda não sei, mas vou encontrá-lo no próximo carnaval. *Papa* diz que ele deve ser muito rico e nobre; já eu, digo que deve ser jovem, bem-humorado e fazer as minhas vontades, como você sempre fez, Angeline *carina*.

Por fim, Angeline levantou-se para partir. Faustina não gostou da ideia, queria que Angeline permanecesse lá a noite inteira — mandaria buscar autorização da Priora no convento, mas Angeline estava decidida a ir, já que sabia que não seria possível obter a autorização, e enfim convenceu a amiga. No dia seguinte, Faustina iria ao convento visitar suas velhas amigas e, caso a Priora permitisse, Angeline poderia voltar com ela à tarde. Após esse plano ser discutido e traçado, despediram-se com mais um abraço. Saltitando estrada abaixo, Angeline olhava para cima ao mesmo tempo em que Faustina olhava lá do terraço para baixo e acenava enquanto sorria. Angeline estava encantada com a simpatia, afeição, postura e conversa animada e vibrante da amiga. Antes de tudo pensou só na amiga, excluindo qualquer outra ideia, até que, em uma curva da estrada, algumas circunstâncias a

fizeram voltar os pensamentos para si. “Ah, como serei feliz”, pensou, “caso ele se prove fiel!” A vida será um paraíso com Faustina e Ippolito!” Então buscou todo o ocorrido dos dois últimos anos em sua confiável memória e procedeu a uma breve retomada dos acontecimentos.

Faustina partira para Veneza, e Angeline fora deixada sozinha no convento. Apesar de não ter se apegado a ninguém, tornou-se íntima de Camilla della Torretta, uma jovem de Bolonha. O irmão de Camilla viera visitá-la, e Angeline acompanhou-a até o saguão de visitas para recebê-lo. Ippolito apaixonou-se de pronto e conquistou Angeline, que retribuiu sua afeição. Os sentimentos dela eram sinceros e intensos; mesmo assim, ela conseguia controlar os efeitos da própria emoção, e sua conduta era irrepreensível. Ippolito era o oposto, intenso e impetuoso; amava de forma ardente e não tolerava oposição aos seus desejos. Decidiu pedir Angeline em casamento, mas, por ser de família nobre, temia a desaprovação paterna. Mesmo assim, era forçoso ter o consentimento de seu pai. Então, o velho aristocrata, nervoso e indignado, veio para a cidade de Este, determinado a separar os enamorados a qualquer custo. A bondade e gentileza de Angeline amenizaram sua raiva, e o desespero do filho despertou sua compaixão. Nunca poderia imaginar que Ippolito desejasse unir-se a tanta beleza e delicadeza. Refletiu outra vez: seu filho era muito jovem, poderia mudar de ideia e vir a repreendê-lo por seu consentimento. Portanto, fez um acordo: daria seu consentimento dentro de um ano, com a condição de que o jovem casal se compromettesse, pelo juramento mais solene, a não se encontrar nem se escrever durante esse tempo. Ficou acordado que aquele seria um ano de provação, que o noivado não deveria ser levado em conta sem antes sobreviver àquele período de tempo. A persistência seria recompensada, caso continuassem apaixonados. O pai do rapaz não tinha dúvidas: supunha e até mesmo esperava que, durante o período de ausência, os sentimentos de Ippolito mudassem, e isso o levaria a encontrar um casamento mais apropriado.

Ajoelhados perante a cruz, os enamorados prometeram um ano de silêncio e separação: Angeline, com os olhos iluminados por gratidão e esperança; Ippolito, cheio de raiva e desespero por essa interrupção em sua felicidade, com a qual nunca teria concordado não fosse por Angeline tê-lo persuadido — e mesmo imposto a obediência, declarando que, caso ele não obedecesse a seu pai, ela se isolaria em seu quarto, tornando-se prisioneira por livre e espontânea vontade, até que o período estipulado chegasse ao fim. Ippolito fez a promessa e partiu imediatamente para Paris.

Agora faltava apenas um mês para o término do intervalo de um ano, e não havia dúvida de que os pensamentos de Angeline perambulavam para longe da querida Faustina, para ocuparem-se de seu próprio destino. Unida aos votos de ausência estava a promessa de manter a afeição e, mais ainda: manter o mais absoluto segredo pelo mesmo período. Angeline concordou de pronto (pois a amiga estava longe) em não contar nada daquilo até a data estipulada. Porém, sua amiga havia retornado, e agora o peso do sigilo atingia a consciência de Angeline; mas não tinha opção, devia manter sua promessa.

Com todos esses pensamentos distraíndo-a, alcançou o pé da colina e estava agora subindo para a cidade de Este quando ouviu um farfalhar no vinhedo que beirava a estrada: passos, e uma voz conhecida que chamava seu nome.

— *Santa Vergine!* Ippolito! — exclamou. — É assim que cumpre sua promessa?

— E é assim que me cumprimenta? — respondeu ele, pesaroso. — Ingrata! Pois veja, não sou frio o suficiente para permanecer longe. Este último mês foi uma eternidade intolerável, e você se volta contra mim e me deseja longe! É verdade então o que ouvi? Você ama outro? Ah! Minha jornada não terá sido em vão: vou descobrir quem é e vingar-me da sua falsidade.

Angeline lançou-lhe um olhar cheio de surpresa e censura, mas permaneceu em silêncio e continuou seu caminho. Estava determinada a não quebrar sua promessa, temendo atrair a maldição dos céus para sobre a relação dos dois. Resolveu não se manifestar e, mantendo-se fiel à sua promessa, obter o perdão para Ippolito, que infringira a dele. Andou rápido, sentindo-se feliz e desolada ao mesmo tempo — contudo... desolada? Nem tanto! A felicidade era o sentimento genuíno que a envolvia; mas temia em parte a raiva de seu amado e, mais que isso, temia a aterrorizante consequência que poderia resultar da quebra dos votos solenes. Seus olhos estavam radiantes de amor e alegria, mas seus lábios pareciam colados. Decidiu não falar, ajustou sua *faziola* para que ele não pudesse enxergar seu rosto e manteve o olhar fixo no chão enquanto caminhava ligeiro. Queimando de raiva, Ippolito manteve-se ao seu lado, lançando-lhe toneladas de repreensões, ora por falsidade, ora jurando vingança, ora descrevendo e louvando seu próprio amor, constante e imutável. Era um tema agradável, apesar de perigoso. Angeline fora tentada inúmeras vezes a recompensá-lo, declarando seus inalterados sentimentos; contudo, superou o desejo e, com o rosário nas mãos, começou a rezar o terço. Aproximaram-se da cidade e, ao perceber que ela não cederia, Ippolito deixou-a, protestando, dizendo que descobriria quem era seu rival e se vingaria de sua crueldade e indiferença. Angeline entrou no convento, apressou-se a ir para o quarto, caiu de joelhos e rezou para que Deus perdoasse seu amado por ter quebrado os votos. Então, conformou-se com a alegria pela prova de persistência que ele demonstrou e pela expectativa da felicidade perfeita em breve. Afundou a cabeça nos braços e continuou absorta em um devaneio que ressaltava as cores dos céus. Fora luta amarga resistir aos apelos dele, mas por outro lado suas dúvidas se dissiparam, pois ele era fiel e, no momento certo, a reivindicaria. E ela, que amou com tanto fervor durante o ano todo, com silêncio e devoção, seria recompensada! Sentia-se segura, agradecida, feliz. Pobre Angeline!

Faustina foi ao convento no dia seguinte, e todas as freiras a rodearam.

— *Quanto è bellina* — exclamou uma.

— *E tanto carina!* — falou outra.

— *S'è fatta la sposina?* Já está prometida? — perguntou uma terceira.

Faustina respondeu a todas com carinho e sorrisos, com piadas inocentes e risadas. As freiras idolatravam-na, e Angeline permaneceu ali, admirando a amiga adorada e apreciando os muitos elogios que recebia. Por fim, Faustina teve de ir. Como antecipado, Angeline teve permissão para acompanhá-la.

— Ela pode ir à Villa — disse a Priora —, mas não pode ficar a noite toda: é contra as regras.

Faustina suplicou, resmungou, argumentou e por fim fez com que a Madre Superiora concordasse com a ausência da amiga por uma única noite. Começaram a voltar juntas, acompanhadas de uma criada, uma velha duenha. Um cavaleiro passou montado enquanto caminhavam.

— Como é bonito! — exclamou Faustina. — Quem será ele?

Angeline notou que era Ippolito e enrubescou. Ele havia passado depressa e logo estava fora de vista. Estavam subindo a colina e, com a Villa quase à vista, foram surpreendidas por um berro, um grito, um guincho e um urro, como se uma toca de animais selvagens, um manicômio ou mesmo os dois juntos estivessem à solta. Faustina empalideceu e Angeline logo se amedrontou, pois um búfalo havia escapado do jugo e vinha colina abaixo em desabalada corrida, enchendo o ar de rugidos, com um grupo inteiro de camponeses gritando e guinchando atrás dele. O búfalo vinha exatamente no caminho das moças.

— O, *Gesù Maria!* — exclamou a velha governanta, que caiu dura no chão.

Faustina proferiu um grito agudo e segurou a amiga pela cintura. Angeline por fim jogou-se à frente da moça que estava aterrorizada: preferiu sofrer o dano ela mesma no lugar da amiga, pois o animal se aproximava mais e mais. Naquele momento, o cavaleiro veio a galope colina abaixo, passou o búfalo e então, ao virar seu cavalo numa guinada, confrontou o animal selvagem de forma destemida. Com um berro feroz, desviou para o lado e desceu por um caminho que havia para a esquerda. Mas o cavalo, assustado, empinou e arremessou seu montador ao chão, para depois descer a colina. O cavaleiro ficou estirado no solo, imóvel.

Então foi a vez de Angeline gritar, e ela e Faustina correram ansiosas ao encontro de seu salvador. Enquanto Faustina o abanava com seu imenso leque verde (que as damas italianas carregavam para se proteger do sol), Angeline apressou-se a buscar água. Passados um ou dois minutos, o rosto do cavaleiro foi readquirindo cor, ele abriu os olhos, viu a bela Faustina e tentou erguer-se. Angeline logo chegou com uma pequena cuia de água e levou-a aos lábios dele. Ele apertou a mão de Angeline e ela se afastou. Enquanto isso, ao notar o silêncio momentâneo, a velha Caterina começou a olhar ao redor e viu apenas as duas moças rodeando um homem caído. Então pôs-se de pé e aproximou-se delas.

— Você está morrendo! — lamentou Faustina. — Salvou minha vida e acabou com a sua.

Ippolito tentou sorrir.

— Não estou morrendo — disse ele —, mas estou ferido.

— Onde? Como? — gritou Angeline. — Faustina querida, vamos chamar uma carruagem e levá-lo até a Villa.

— Ah, sim. — disse Faustina. — Vá, Caterina, corra e diga a *papa* o que houve. Que um rapaz, um cavaleiro, se suicidou ao me salvar.

— Não me suicidei — interrompeu Ippolito —, só quebrei o braço. E acho que a perna também.

Angeline empalideceu e foi-se ao chão.

— E vai morrer antes de conseguirmos ajuda — disse Faustina. — Aquela Caterina estúpida arrasta-se como uma lesma.

— Vou à Villa — gritou Angeline. — Caterina deve ficar com você e Ipp... *Buon Dio!* O que estou dizendo?!

Apressou-se em sair e deixou Faustina abandonando seu amado, que desmaiou mais uma vez. Logo a Villa estava em alerta. O *Signor* Conde mandou buscar um médico e foi ajudar Ippolito — com um colchão e mais quatro homens para carregá-lo. Angeline permaneceu em casa. Cedeu à própria agitação e, sob efeito do medo e do sofrimento, chorou com amargura. “Ah... ele tinha de quebrar seus votos, para então ser punido... era essa a reconciliação que estava reservada para mim!” Porém, logo se mexeu, arrumou uma cama, buscou todas as bandagens que julgou necessárias. Àquela altura já haviam trazido Ippolito. Após a chegada do cirurgião, descobriram que o braço esquerdo estava realmente quebrado, porém a perna estava apenas contundida. O médico fixou o membro, drenou-o, prescreveu uma dose composta e ordenou ao rapaz que ficasse em repouso. Angeline zelou a noite inteira, mas ele dormia de forma tão tranquila que não tinha consciência de sua presença ali. Ela nunca o havia amado tanto. O infortúnio de Ippolito foi tomado por Angeline como um tributo de sua afeição. Ela observou seu lindo semblante dormindo, sereno, e pensou: “Que os céus preservem o amado mais fiel que já abençoou os votos de uma dama!”. Na manhã seguinte, Ippolito acordou sem febre e de bom humor. A contusão em sua perna estava melhor, a ponto de ele querer se levantar. O cirurgião visitou-o e implorou que permanecesse em repouso por mais um ou dois dias, para evitar febre, e prometeu uma recuperação rápida caso o obedecesse. Angeline passou o dia na Villa, mas não o veria de novo. Faustina não se cansava de falar da coragem, da galanteria e dos modos cativantes dele. Ela era a heroína da história. Por ela, o cavaleiro arriscara a própria vida; era a ela que ele havia salvado. Angeline sorriu diante do egoísmo de Faustina. “Ela se sentiria humilhada se soubesse a verdade”, pensou. Então, permaneceu em silêncio. Precisava voltar ao convento à tarde: deveria entrar no quarto e dizer adeus a Ippolito? Seria certo? Não significaria quebrar seus votos? Mesmo assim, como poderia resistir? Entrou e aproximou-se dele com suavidade. Ele ouviu seus passos, ergueu o olhar com entusiasmo e, então, aparentou estar um pouco desapontado.

— Adeus, Ippolito — disse Angeline. — Preciso voltar ao convento. Caso piore, que os céus proíbam, voltarei para servir a você, cuidar de você e morrer com você. Caso melhore, o que graças a Deus já parece ser o caso, vou agradecer a você devidamente daqui a um mês. Adeus, querido Ippolito.

— Adeus, querida Angeline. Você me deseja todo o bem, e esta sua maneira reverente o comprova; não tema por mim. Sinto saúde e força nos meus ossos e abençoo a dor e a inconveniência que sofro, já que você e sua querida amiga estão a salvo. Adeus! No entanto, me dê um minuto. Ouvi que meu pai levou Camilla para Bolonha com ele ano passado. Vocês duas por acaso se correspondem?

— Você se engana. Pelo desejo do Marquês, não trocamos correspondência.

— E você obedeceu, na amizade e no amor. Você é muito bondosa. Agora peço mais uma promessa. Vai manter uma para mim, assim como fez para meu pai?

— Se não for contra nossos votos.

— Nossos votos! Você, sua freirinha! Nossos votos são tão poderosos assim? Não é nada contra nossos votos, só peço que não escreva nem para Camilla nem para meu pai, que não os notifique deste acidente, pois causaria preocupações sem motivos. Você promete?

— Prometo não escrever sem a sua permissão.

— Confio em você para manter sua palavra assim como manteve seus votos. Adeus, Angeline. O quê? Vai sem um beijo?

Angeline correu para fora do quarto para não ser tentada, pois atender àquele pedido seria muito pior que qualquer outra infração aos votos já cometida até então.

Angeline retornou a Este ansiosa, porém feliz, segura da fé de seu amado e rezando com fervor por sua rápida recuperação. Durante os dias seguintes, voltou à Villa Moncenigo para saber dele e escutou que estava se recuperando bem e por fim foi informada, por uma Faustina de olhos brilhantes de satisfação, que ele poderia sair do quarto. A moça falava muito de seu cavaleiro, como o chamava, e da gratidão e admiração que tinha por ele. Visitara-o no quarto todos os dias, acompanhada pelo pai, e tinha sempre novas histórias sobre sua inteligência, elegância e seus elogios agradáveis a ela. Estava duplamente feliz, agora que ele poderia juntar-se a elas no salão. Após receber essa informação, Angeline privou-se das visitas diárias, já que isso implicava o risco de encontrar seu amado. Passou a mandar mensagens todos os dias, para saber da recuperação dele, e todos os dias recebia convites de Faustina para ir vê-la. Mas Angeline era firme, sentiu que estava fazendo a coisa certa e, apesar de temer que ele estivesse zangado, sabia que em menos de uma quinzena (pois, desde o reencontro, já haviam passado duas semanas), poderia demonstrar seus sentimentos. Como ele a amava, com certeza a perdoaria. Seu coração estava leve, cheio apenas de felicidade e gratidão.

A cada dia que passava, Faustina implorava para que fosse visitá-la, as súplicas cada vez mais prementes. Certa manhã, Faustina irrompeu no quarto de Angeline com o propósito de repreendê-la, questionar e investigar o motivo de sua ausência na Villa. Angeline viu-se obrigada a prometer que iria até lá e então perguntou sobre o cavaleiro, para descobrir como poderia ajustar sua visita a fim de evitar um encontro com ele. Faustina corou, e seu rosto revelou uma confusão charmosa enquanto exclamava:

— Ah, Angeline! É pelo bem dele que desejo que você vá.

Foi a vez de Angeline corar. Temendo que seu segredo tivesse sido revelado, perguntou de forma impensada:

— O que ele disse?

— Nada — respondeu a amiga, sempre alegre —, e é por isso que preciso de você. Ah, Angeline, ontem *papa* me perguntou se gosto muito mesmo dele e disse ainda que, caso o pai dele consentir, não via razões para não nos casarmos... Eu também não vejo... Mesmo assim, será que ele me ama? Ah, se ele não me ama... Eu não teria dito nada, e nem o pai dele perguntou... Eu não casaria com ele por nada neste mundo! — Os olhos da moça sensível se encheram de lágrimas, e ela se jogou nos braços de Angeline.

“Pobre Faustina”, pensou Angeline. “Por minha culpa vai sofrer?” Afagou a moça e beijou-a com um carinho apaziguador. Faustina retomou o assunto, disse que tinha certeza que Ippolito a amava. O nome dele, sendo pronunciado por outra, soou alarmante aos ouvidos de Angeline, que estremeceu e ficou pálida, enquanto lutava para não se revelar. Ele não fornecera muitas provas de amor, contou Faustina, mas ainda assim parecia tão feliz quando ela chegava, e muitas vezes a pressionava a ficar, e então seus olhos...

— Ele perguntou sobre mim alguma vez? — disse Angeline.

— Não. Deveria? — respondeu Faustina.

— Ele salvou minha vida — a outra respondeu, enrubescendo.

— Salvou? Quando? Ah, sim, me lembro, pensei apenas em mim. Você estava em perigo tanto quanto eu. Mais ainda, na verdade, pois se jogou na minha frente. Minha amiga mais querida, não sou ingrata, é Ippolito que me torna esquecida.

Tudo isso surpreendeu e chocou Angeline. Ela não duvidava da fidelidade de seu amado, mas temia pela felicidade da amiga, e todos os seus pensamentos agora abriam caminho para isso. Prometeu visitar Faustina naquela mesma tarde.

Com o coração pesado por conta de Faustina, Angeline encontrava-se, mais uma vez, caminhando devagar colina acima. Esperava que o amor repentino e não correspondido da amiga não compromettesse sua felicidade futura. Ao chegar à curva da estrada perto da Villa, ouviu seu nome ser chamado, olhou para cima e, outra vez, viu o rosto sorridente de Faustina—apoiada na balaustrada, com Ippolito a seu lado. Ele se surpreendeu ao encontrar o olhar de Angeline e se afastou. Angeline viera resolvida a alertá-lo, estava refletindo sobre como poderia fazê-lo sem comprometer a amiga. Porém, esse raciocínio todo fora em vão, pois, ao entrar no salão de visitas, Ippolito já havia partido e não apareceu mais. “Ele está mantendo os votos”, pensou Angeline. Mas ainda estava por demais perturbada em função da amiga e não sabia o que fazer. Faustina não conseguia parar de falar em seu cavaleiro. Angeline sentia-se culpada e não tinha ideia de como agir. Deveria revelar sua situação para a amiga? Talvez fosse melhor. Ainda assim, sentia uma enorme dificuldade para revelar seu segredo. Além disso, havia vezes em que quase chegava a suspeitar da fidelidade de Ippolito. O pensamento viera com um espasmo de agonia e desaparecera. Mesmo assim, isso a desestabilizou e deixou-a incapaz de controlar a própria voz. Retornou ao convento, mais inquieta e aflita do que nunca.

Visitou a Villa mais duas vezes, e Ippolito continuou evitando o encontro dos dois, e os relatos de Faustina sobre o comportamento dele tornavam-se cada vez mais inexplicáveis. Pouco a pouco, o medo de perdê-lo deixou-a enferma, e, de novo, convencia-se de que, ao abster-se e silenciar, Ippolito estava apenas cumprindo com seus votos, e seu comportamento misterioso em relação a Faustina existia só na imaginação da vivaz moça. Angeline meditava constantemente sobre o papel que deveria assumir naquela história, enquanto seu apetite e o sono lhe faltavam. Acabou adoecendo demais para visitar a Villa e ficou confinada à cama por dois dias. Durante as horas febris, incapaz de movimentar-se e sentindo-se miserável ao pensar no destino de Faustina, resolveu escrever para Ippolito. Como ele não a veria, esse era o único meio de contato. Seus votos proibiam o ato, mas este já havia sido quebrado de tantas

formas que agora Angeline agia fora de si e tinha apenas o bem de sua querida amiga em mente. Mas, e se sua carta caísse em mãos erradas? E se Ippolito a abandonasse por Faustina? Nesse caso, o segredo deveria ser enterrado em seu coração para sempre. Portanto, decidiu escrever de modo que sua carta não a traísse na leitura de terceiros. Era uma tarefa difícil, mas foi executada.

“O *signor* cavaleiro iria perdoá-la, esperava. Ela era e sempre fora como uma mãe para a *Signorina* Faustina, amava-a mais que tudo. Será que o *signor* cavaleiro estava agindo de modo impensado? Será que ele compreendia? E supunha que aquilo não significava nada? O mundo decidiria. Tudo o que pedia era que pudesse escrever para o pai de Ippolito, e assim acabar com aquele estado de mistério e incerteza o mais rápido possível.”

Havia rasgado dez mensagens. Estava insatisfeita, mas assim mesmo selou a carta e, ao arrastar-se para fora da cama, enviou-a de imediato ao correio.

Aquele decisivo ato acalmou sua mente, e sua saúde sentiu o benefício. No dia seguinte, estava tão bem que resolveu ir à Villa para descobrir a consequência do que havia criado. Subiu a estrada com o coração palpitante e olhou para cima na curva de costume. Faustina não estava lá, mas aquilo não era estranho, pois, afinal, não a esperavam. Mesmo assim, sentia-se desolada sem saber por quê; lágrimas começaram a escorrer em seu rosto. “Se pudesse ver Ippolito por um minuto que fosse, obter uma breve explicação, tudo ficaria bem!”

Chegou à Villa com esse pensamento e adentrou o salão de visitas. Ouviu passos rápidos, como se alguém se retirasse ao ouvi-la entrar. Faustina estava sentada à mesa, lendo uma carta; Angeline sentiu as bochechas enrubescerem, seu peito pesava de tanta agitação. Ao lado de Faustina, o chapéu e a capa de Ippolito revelavam que fora ele quem havia acabado de sair com pressa. Faustina virou-se e viu Angeline. Seus olhos fulminavam, e ela jogou a carta que lia aos pés da amiga. Angeline reconheceu a sua carta.

— Junte! — disse Faustina. — É sua. Não quero saber o motivo que a levou a escrever ou o que significa isso. Foi no mínimo insensível e, garanto, inútil. Não sou capaz de entregar meu coração ingenuamente, nem de recusar uma proposta de meu pai. Pegue sua carta, Angeline. Não acredito que tenha agido dessa forma por mim!

Angeline continuou lá, como quem está ouvindo, mas não estava escutando uma palavra sequer. Ficou ali, imóvel, mãos apertadas uma na outra, os olhos fixos na carta, marejados de lágrimas.

— Mandei juntar! — ordenou Faustina, pisoteando o chão com seus pezinhos impacientes. — Fosse qual fosse a sua intenção, chegou tarde demais. Ippolito e meu pai escreveram ao Marquês, pedindo permissão para ele casar comigo.

Angeline se assustou e encarou a amiga com rudeza.

— É verdade! Não acredita? Devo chamar Ippolito para confirmar o que digo?

Faustina falava de forma triunfante. Angeline se surpreendeu, aterrorizada. Juntou a carta e, sem dizer uma palavra sequer, saiu às pressas do salão e da casa, desceu a colina e retornou ao convento. Seu coração estava explodindo em chamas; era como se seu corpo estivesse possuído por um espírito: não derramou lágrimas, mas seus olhos pareciam saltar

para fora da cabeça; espasmos convulsivos tomaram conta de seus braços e pernas. Apressou-se até seu quarto, atirou-se no chão e então, sim, caiu aos prantos. Conseguiu rezar só depois de uma enxurrada de lágrimas. Concluiu então que seu sonho de felicidade estava para sempre acabado e desejou a morte.

Na manhã seguinte, abriu os olhos relutantes à claridade e levantou-se. Era dia, e todos deveriam apreciar a luz, até mesmo ela, apesar de o sol não brilhar mais como antes, e apesar de o sofrimento transformar a vida em tortura. Dali a pouco, avisaram que um cavaleiro aguardava por ela no saguão de entrada. Angeline encolheu-se de modo infeliz e recusou-se a descer. A mensageira voltou quinze minutos depois. Ele havia ido embora, mas deixara uma carta. A mensageira depositou a carta na mesa de Angeline, que não se interessou em abri-la. Ela sabia que estava tudo acabado, não precisava de confirmação. Depois de algumas horas, aos poucos e com muito esforço, rasgou o lacre. A data era do aniversário de expiração daquele um ano prometido de silêncio e separação. Ela irrompeu em lágrimas, e uma esperança cruel, de que tudo não passava de um sonho, nasceu em seu coração: agora, no término da Provação de Amor, ele havia escrito para reivindicá-la. Provocada por essa sugestão enganosa, limpou os olhos e leu as seguintes palavras:

“Venho desculpar-me por um ato de infâmia. Como se recusou a falar comigo, então escrevo. Por mais indigno que eu seja aos seus olhos, não gostaria de parecer pior do que realmente sou. Recebi sua carta na presença de Faustina, e ela reconheceu a sua letra. Você conhece a teimosia e impetuosidade dela. Tomou a carta de mim, coisa que não pude evitar. Não digo mais nada. Você deve me odiar, mas tenha piedade de mim, pois me sinto desolado. Agora minha honra está comprometida, pois tudo aconteceu antes que eu notasse o perigo. Não tenho escolha e não terei paz até que me perdoe, e mesmo assim mereço que você me amaldiçoe. Faustina desconhece o nosso segredo. Adeus!”

O papel caiu das mãos de Angeline.

Era inútil descrever o leque de sofrimentos que a pobre moça suportou. Sua natureza devota, submissa, nobre e generosa veio ao socorro e a sustentou quando pensou que morreria sem eles, o amado e a amiga. Faustina escrevera que planejava visitá-la, mas que Ippolito era contra a ideia. Que o Marquês della Torretta havia respondido com uma alegre aprovação. Mas, estando ele doente, todos então iriam para Bolonha. As amigas planejaram encontrar-se na volta.

A partida do casal reconfortou Angeline. Mais uma carta chegou, esta com a letra do pai de Ippolito, e estava cheia de elogios sobre sua conduta. Disse que o filho havia lhe contado tudo. Ela fora um anjo, os céus a recompensariam, e sua gratificação seria maior ainda caso perdoasse seu amado infiel. Angeline sentiu alívio ao responder àquela carta: livrava-se de parte de seu fardo de tristeza e dos pensamentos que a sobrecarregavam. Perdoou Ippolito de boa vontade e rezou para que os noivos fossem abençoados.

Ippolito e Faustina, já casados, passaram de dois a três anos entre Paris e o sul da Itália. De início, Faustina estava em êxtase, porém logo o mundo duro e a natureza leve e inconstante do marido lhe infligiram mil feridas. Ela ansiava pela amizade e a gentil compaixão de Angeline; por repousar a cabeça em seu afetuoso ombro e ser consolada.

Propôs uma ida à Veneza, Ippolito consentiu, e visitaram Este no caminho. Angeline havia se ordenado freira no convento de Sant'Anna. Se não estava feliz, estava alegre. Ouviu com espanto as angústias de Faustina e empenhou-se em consolá-la. Viu Ippolito também, calma e imbuída de outros sentimentos: ele não era mais aquele que um dia havia amado. Percebeu que, caso tivesse se casado com ele, teria ficado ainda mais insatisfeita que Faustina, dados seus profundos sentimentos e exaltadas ideias de honra.

O casal mantinha a usual vida italiana de marido e mulher. Ele era promíscuo, infiel, indiferente. Ela se satisfazia com um criado, um cavaleiro servente. Angeline, dedicada aos céus, refletiu sobre todas essas coisas e sobre como alguém podia, com tanta facilidade, transferir suas afeições — que, para ela, eram sagradas e imutáveis.